

RESENHAS

# Criando, “recuperando” e discriminando

SÉRGIO CARVALHO

Professor do Centro de Educação Física e Desportos  
(Universidade Federal de Santa Maria — RS)

Resenha de CARMO, Apolônio Abadio do. *Deficiência Física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina*. Brasília: Escopo; Curitiba: Secretaria dos Desportos/PR, 1991. 210 p.

A proposta de livro surge originalmente da tese de doutoramento defendida em 1989, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Centro de Educação. O autor dá importância, igualmente nesta publicação, à quase total inexistência de bibliografia disponível nas escolas de Educação Física sobre o assunto em questão, em nosso país.

Carmo, introduz o leitor em seu trabalho situando-o sobre o (s) conceito (s) de deficiência e suas controvérsias de interpretação por áreas distintas do conhecimento, falando sobre o deficiente físico e sua relação com a sociedade para depois confrontar e analisar os discursos institucionais e o dos deficientes físicos.

No capítulo I, sua atenção se concentra na história dos deficientes, dando uma panorâmica mundial e brasileira. Neste capítulo ainda, discorre sobre a visão do deficiente na sociedade brasileira do século XX.

No capítulo II, há uma análise da relação entre o trabalho e o homem, utilizando com preferência o conjunto de obras de Karl Marx. Outra relação que faz é sobre o trabalho e o modo de produção capitalista, bem como as implicações decorrentes para os deficientes físicos na utilização deste sistema.

No capítulo III, considera o Estado brasileiro enquanto instituição e os órgãos criados por ele para tratar do assunto, bem como o que pensam e falam os deficientes físicos sobre a sua inserção no mercado de trabalho e a sua dita integração social. Logo após, confronta os discursos, suas ações e práxis.

No capítulo IV, a análise se dá na educação, enquanto forma regular de ensino, e o deficiente físico, o Estado e suas propostas educacionais, a legislação educacional e a Educação Especial, a educação e o discurso dos deficientes. Confronta a seguir o discurso institucional e o dos deficientes.

No capítulo V, seu foco é voltado para o esporte, lazer e os deficientes; suas práticas e atuações e a participação em maior ou menor grau do Estado no esporte e no lazer dos deficientes. Confronta novamente os discursos do Estado e dos deficientes físicos sobre o tema.

No último capítulo, o autor faz uma inserção no seu dia-a-dia para visitar nossa prática. Ele repensa, reordena e, às vezes, reconfirma sua atuação profissional, seus ideais e ideologia além da expectativa que possui, como docente, do Departamento de Educação Física e Esportes da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, no avanço do tema estudado.

Para entender o desafio proposto por Apolônio Abadio do Carmo, torna-se indispensável a leitura do seu livro. Embora haja o conflito permanente entre o autor e as idéias que defende, seria importante reafirmar que a Educação Física não discrimina somente os “ditos deficientes”, discrimina de igual forma os “ditos normais”. Discrimina todos aqueles que não apresentam respostas à solicitação de um ou mais padrão(ões) motor(es). É a vertente tecnicista da Educação Física. Esta teoria é reforçada de alguma maneira quando o autor diz:

*é preciso entender, contudo, que o desafio não deve ater-se apenas às conquistas de melhorias físicas dos (df), mas sobretudo, ir além, na busca do envolvimento mais amplo, em termos sociais e políticos. (p. 166)*

Prefiro analisar, neste caso, a vertente humanista da Educação Física, onde a participação social dos deficientes físicos deveria se dar, principalmente, no acesso ao binômio saúde-educação. Estes, sim seriam os grandes responsáveis pela melhoria física dos “ditos deficientes”. Em nenhum momento, estou afirmando que sou contra a prática da Educação Física por parte dos mesmos; muito menos que não deva haver desporto de representação (desportos olímpicos) ou que não haja incentivo por parte dos órgãos governamentais para a representação do país em jogos nacional ou internacionais. Quero dizer, sim, que deve ocorrer primeiro a conscientização das pessoas sobre a representação e significado de corpo e seus movimentos. Seu e dos outros. Como diz Santin, devemos ser um corpo e não ter um corpo”.

A partir disto, toda e qualquer atividade física teria ou faria sentido. Caso contrário, tenho dúvidas.

Mesmo tendo este trabalho sido realizado em 1989 e publicado em 1991 sob forma de livro, seus méritos existem. Aceito igualmente a tese do autor quando diz:

*estamos cientes das dificuldades que teremos para colocar em prática todas as nossas "novas" idéias. O processo de negação das inúmeras teses equivocadas ainda defendidas pelos (df) e muitos colegas professores, não será uma tarefa simples, nem fácil. Apesar disto, vemos grandes possibilidades de intervir nesta realidade e transformá-la. (p. 166)*